

Cultura na escola: um olhar interdisciplinar Culture in school: an interdisciplinary look

Ana Caroline Branco ¹
Dandara Lima ²
Jhalian Ester ³
Maria Olivia Printes ⁴

Resumo

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada por alunos do 1º período do curso de Pedagogia da Unidade do Estado do Amazonas, em uma escola estadual zona norte da cidade de Manaus, orientados pelo Prof. Doutor Mauro Gomes, Profa. Msc. Priscila Freire, Profa. Msc. Jane Lindoso. A finalidade dessa pesquisa é compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem nessa escola e qual o papel do professor nesse processo como ele tem lidado com as diferenças inerentes de seus alunos.

Palavras-chave

Cultura, professor, aluno, aprendizagem.

Abstract

This work is the result of a field research carried out by students of the 1st period of the Pedagogy course of the State of Amazonas, in a state school north of the city of Manaus, guided by Prof. Doctor Mauro Gomes, Profa. Msc. Priscila Freire, Profa. Msc. Jane Lindoso. The purpose of this research is to understand how the teaching-learning process occurs in this school and what the role of the teacher in this process is how it has dealt with the inherent differences of its students.

Keyword

Culture, teacher, student, learning.

¹ Graduando Pedagogia, UEA, Brasil, kahhbranco@gmail.com.

² Graduando Pedagogia, UEA, Brasil, dlv.ped@uea.edu.br.

³ Graduando Pedagogia, UEA, Brasil, jhulianester7@gmail.com.

⁴ Graduando Pedagogia, UEA, Brasil, oliviaprintesde@hotmail.com.

Introdução

Apresentamos uma pesquisa realizada em uma escola pública situada na zona Norte de Manaus. Essa pesquisa é resultado de um trabalho interdisciplinar das disciplinas de Psicologia, Filosofia e Antropologia da Educação. O objetivo dessa pesquisa é auxiliar na compreensão de como está o andamento do processo ensino-aprendizagem nas escolas de Manaus e de como os professores estão lidando com as diferenças culturais, epistemológicas, sociais e psicológicas dos alunos.

Procedimento Metodológico

Em um primeiro momento foram realizadas leituras teóricas pertinentes à temática com análise e discussão em sala de aula nas disciplinas de Antropologia e Educação na Amazônia, Filosofia da Educação e Psicologia do Desenvolvimento. Assim, o referencial teórico da atividade de campo consiste nos textos estudados em sala nas respectivas disciplinas. Os procedimentos da atividade de campo consistiram em uma abordagem qualitativa em Cultura e Educação nas escolas da cidade de Manaus, com pesquisa bibliográfica e de campo. Foi apresentada na primeira visita à escola uma carta de apresentação sobre a atividade. Em um segundo momento, a atividade consistiu na realização de campo propriamente dito com visitas às escolas, ocasião em que foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, respeitando os princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Vale ressaltar que os nomes mencionados no trabalho são fictícios com a finalidade de manter em sigilo a identidade dos colabo-

radores da pesquisa. Em nossas três visitas à escola foram realizadas duas entrevistas com duas professoras, sendo uma professora de Língua Portuguesa e outra de Matemática e Ciências; assistimos duas aulas em turmas de 1º e 2º ano do ensino fundamental I e analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Resultados

Baseada na teoria do desenvolvimento humano de Piaget, Bock (2002, p.98) diz:

A criança não é um adulto em miniatura. Ao contrário, ela apresenta características próprias de sua idade. Compreender isso é compreender a importância do estudo do desenvolvimento humano. Estudos e pesquisas de Piaget demonstram que existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária.

Piaget é um referencial teórico da proposta pedagógica da escola e os “orienta na busca pelo conhecimento para o desenvolvimento da criança”. De acordo com o PPP da escola “O processo de construção da aprendizagem exige tempo e espaços escolares flexíveis; agrupamentos diferentes (organizados conforme a etapa de desenvolvimento dos alunos).”.

A partir da teoria de Piaget entendemos que a aprendizagem é um processo que evolui de acordo com o desenvolvimento do indivíduo. Esse desenvolvimento é dividido em quatro períodos: sensório-motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. Em cada período são desenvolvidas novas qualidades que interferem no desenvolvimento global. A escolha dos conteúdos escolares para cada

faixa etária tem que estar de acordo com as categorias próprias de cada período. Além da escolha dos conteúdos é importante também que os agrupamentos dos alunos sejam organizados conforme a etapa de desenvolvimento de cada um. Essa organização, tanto de conteúdos como da idade dos alunos, é muito bem feita pela escola que visitamos, de acordo com nossas observações, e isso beneficia a construção da aprendizagem dos alunos, pois os conteúdos vão dificultando de acordo com o progresso que o aluno vai tendo juntamente com os seus colegas de turma que estão na mesma fase de desenvolvimento. Contudo, alguns alunos não apresentam o mesmo ritmo de aprendizagem por conta de algum aspecto do desenvolvimento que não está sendo bem desenvolvido e o professor juntamente com a família dos alunos precisará ter um cuidado mais específico com eles.

Segundo Silva (2004, p.14), baseado na teoria de Comte, *“o conceito de educação se amplia ao considerar que o processo de formação não se realiza somente na escola, mas ela deve começar na família, tendo a mulher como agente principal”*.

Na entrevista com a professora Cecília do 2º ano do ensino fundamental, ela nos contou o caso de alguns alunos que estão com dificuldade de acompanhar a aprendizagem da turma, e que já haviam sido feitas várias tentativas de ajudá-los, sendo uma delas solicitação do comparecimento dos pais na escola para uma reunião, contando com a presença de dois pais sendo que havia sido solicitado a presença de dez pais. A professora nos relata que a participação da família na vida escolar do aluno é muito importante, principal-

mente nos anos iniciais quando a criança está sendo alfabetizada e que quando ela não tem o apoio da família o seu rendimento escolar é prejudicado.

Realmente podemos perceber que as diretrizes positivistas se perpetuam nas escolas e nos pensamento dos professores, pois como vimos no relato da professora Cecília e escutamos de outros professores, a participação da família é considerada de primordial importância na vida escolar do aluno. Como podemos observar na fala de Silva (2014), o processo de educação, no modelo positivista, começa na família. Baseados também na experiência que alguns integrantes da nossa equipe têm em sala de aula e nas observações feitas na escola, podemos afirmar que esse pensamento positivista é verdadeiro, porque é notável o desenvolvimento que uma criança que conta com o apoio dos pais em casa tem em sala de aula, mas essa responsabilidade é dos pais e não apenas da mãe. E neste ponto discordamos do autor quando ele afirma que a mulher é o agente principal do processo de formação da educação, pois entendemos que os dois, pai e mãe, trabalhando em conjunto, poderão ajudar a criança a obter um melhor desempenho escolar.

De acordo com Bock (2002, p. 93) fundamentada na teoria do desenvolvimento de Vygotsky:

Não há como se saber de um indivíduo sem que se conheça seu mundo. Para compreender o que cada um de nós sente e pensa, e como cada um de nós age, é preciso conhecer o mundo social no qual estamos imersos e do qual somos construtores; é preciso investigar os valores sociais, as formas de relação e de produção da sobrevivência de nosso mundo, e as formas de ser de nosso tempo.

O PPP da escola diz que...

“a escola está inserida em uma comunidade carente, de classe econômica média baixa. As famílias que fazem parte da escola, a maior parte das mães são domésticas, outras trabalham fora para ajudar nas despesas familiares e alguns pais trabalham no Distrito Industrial, no comércio; outros são autônomos e alguns se encontram desempregados, mantendo-se com pequenos serviços.”

Quanto aos alunos “a escola atende uma clientela bastante diversificada na faixa etária de 6 a 15 anos. Há alunos bem estruturados, tanto na família quanto na sociedade, mas também há uma grande parcela de alunos com conflitos sociais e familiares que precisam de uma atenção toda especial por parte da escola.”.

O professor não consegue conhecer seu aluno e entender o porquê de certos comportamentos se não procurar saber sobre o meio social no qual ele está inserido. Algumas informações se obtêm através de uma conversa com o próprio aluno, outras com uma conversa com os pais e, até mesmo através das informações que constam no PPP da escola, como as citadas acima. O professor pode até não conseguir solucionar o problema do seu aluno, mas ao conhecer mais sobre ele e sobre seu mundo poderá ajudá-lo a ter um melhor desempenho. A professora Cecília é uma prova disso, pois ao perceber a dificuldade de seus alunos ela procurou conversar com os pais e conhecer mais sobre a vida deles. Apesar de não ter conseguido solucionar o problema deles, ela passou a entendê-los e a trabalhar a partir das suas dificuldades buscando várias metodologias de ensino a fim de ajudá-los no processo de aprendizagem.

Ainda em consideração ao meio social, sendo este constituído pelas expressões culturais é importante considerarmos o conceito de cultura.

A cultura por sua vez não é nada mais que o próprio social, mas considerado dessa vez sob o ângulo dos caracteres distintivos que apresentam os comportamentos individuais dos membros desse grupo, bem como suas produções originais (artesanais, artísticas, religiosas...). (LAPLANTINE, 2000, p. 120).

A professora Maria Salles entende cultura como um modo de vida. Em seu entendimento na sua turma “cada aluno tem uma cultura, sendo assim são 32 culturas diferentes convivendo em um mesmo ambiente”.

É interessante quando a professora fala que no mesmo ambiente convivem 32 culturas diferentes, pois isso mostra que ela consegue perceber que mesmo que sejam crianças da mesma idade, que estão, em sua maioria, na mesma classe social e estudam na mesma escola, o modo de vida delas não é o mesmo. Analisando essa questão com um olhar da psicologia contamos com a colaboração de Bock (2002, p.92) que diz que “o homem existe, age e pensa de certa maneira porque existe em um dado momento e local, vivendo determinadas relações”, dessa forma, concluímos que como cada grupo social apresenta comportamentos individuais, então, a criança vai se comportar de forma correspondente ao que foi ensinado nos grupos sociais de sua convivência. Uma criança que tem uma família evangélica tem um modo de vida diferente daquela que tem uma família atea e também terá um comportamento diferente do dela. Cabe ao professor compreender

der a cultura do outro e ensinar seus alunos a fazerem o mesmo, pois ao manter uma postura diferente dessa, acabará por agir como um sujeito etnocêntrico.

O etnocentrismo torna-se evidente no contexto do séc. XIX nos primeiros estudos antropológicos. Assim o etnocentrismo se caracteriza pela comparação do Novo Mundo com a Europa e pela justificativa evolucionista de uma ideia de progresso. Nesse contexto, as diferentes culturas são vistas em uma relação de superior e inferior. Portanto, como afirma Laplantine (2000, p. 40) o etnocentrismo sedimenta a ideia de que "a extrema diversidade das sociedades humanas raramente apareceu aos homens como um fato, e sim como uma aberração exigindo uma justificação."

Segundo a professora Maria Salles, por conta da diversidade cultural presente na sala de aula, o conflito é inevitável e existe até mesmo o conflito cultural dela com os seus alunos. A professora, que tem quase 10 anos de experiência em sala de aula, conta que ainda tem dificuldades de conviver com as diferenças culturais de seus alunos. Um fator que a professora relatou que exemplifica esse conflito é o gosto musical; os alunos geralmente tendem a gostar do que está em alta na mídia e no seu meio social, sendo que a professora tenta apresentá-los a outras manifestações musicais através de atividades didáticas, mas não obtém os resultados almejados; ao contrário, resultado que obtém é o conflito entre as diferentes culturas que causa desgaste na relação professor-aluno.

O etnocentrismo é uma visão de mundo própria da pessoa que considera a sua sociedade, sua nação, seu país ou grupo étnico superiores aos demais. Como diz

Laplantine (2000), o sujeito etnocêntrico se considera superior aos outros. Mesmo que os outros tenham qualidades a serem ressaltadas, na sua visão, ele será sempre melhor. Essa é uma armadilha que o professor, por ser alguém que exerce influência na sala de aula, por sua autoridade, tende a cair; mesmo sem perceber ele acaba por se tornar um sujeito etnocêntrico passando a rebaixar seu aluno e colocar-se em uma posição superior. Podemos observar na fala da professora que, apesar de seus quase 10 anos de experiência ela ainda sente dificuldade em conciliar os diferentes interesses presentes em sua sala; sua tendência como autoridade do ambiente é impor seus interesses e não permitir que o interesse do outro se torne válido, contrariando a proposta da escola contida no seu PPP, o qual afirma que a filosofia educacional é baseada em uma educação crítico social em que o professor é um mediador entre o aluno e o conhecimento. A proposta apresentada pela escola é a de que "A instituição escolar tem por finalidade sistematizar, apropriar e socializar o conhecimento do aluno, uma vez que os estudantes vivem conflitos, oposições e expressões individuais e coletivas. Por isso faz-se necessário a presença de um educador mediador para orientar e mediar esses conflitos vivenciados dentro e fora da sala de aula.". O professor tem que ser aquele que mantém o equilíbrio e a ordem em sua sala para que o ensino flua de forma eficaz e não deve ser um ditador que faz imposições a seus alunos causando-lhes desconforto, e atrapalhando a aprendizagem dos mesmos.

A postura do professor deve ser de respeito às diferentes manifestações culturais presentes na sociedade, como é o caso

da religião. Todos têm o direito de escolher sua religião ou até mesmo nenhuma religião. O desafio do professor que leciona a matéria de Ensino Religioso é de não manter uma postura etnocêntrica em sala de aula. Assim Cury (2004, p. 190) explica qual deve ser a postura adequada desse professor para com seus alunos:

Os princípios constitucionais e legais obrigam os educadores todos a se pautar pelo respeito às diferenças religiosas, pelo respeito ao sentimento religioso e à liberdade de consciência, de crença, de expressão e de culto reconhecida à igualdade e dignidade de toda pessoa humana. Tais princípios conduzem à crítica todas as formas que discriminem ou pervertam esta dignidade inalienável dos seres humanos.

Perguntamos à professora Maria Salles como a matéria de Ensino Religioso é trabalhada na sala de aula e ela nos afirma que “de forma geral não é filosófico, é pessoal, se eu sou evangélica eu vou pontuar as características evangélicas. Eu até hoje não vi nenhum professor de Ensino Religioso trabalhando de modo laico, ele sempre pontua pelo conhecimento dele”.

No Projeto Político Pedagógico uma das diretrizes para a ministração das aulas de Ensino Religioso é “Priorizar a formação do educando, fundamentada em valores voltados para prática do bem, da justiça, e da promoção da humanidade diária, propiciando margens mais amplas para o conhecimento, valorização do respeito de cada pessoa, independente de qual seja seu credo, sua fé, sua concepção de vida, de homem e de mundo”.

A realidade é bastante diferente do que aprendemos na teoria, como vimos na explicação de Cury (2014) e no trecho do PPP da escola, o professor de Ensino

Religioso tem que respeitar a religião dos alunos e apresentar o conteúdo de maneira laica. Porém na prática não funciona dessa forma, pois como percebemos na fala da professora Maria Salles, os professores acabam por ensinar apenas a religião que lhe interessa. Não é errado o professor ensinar as crenças e características da religião que ele aderiu, é inadequado ele não ensinar sobre as outras. O Ensino Religioso não deve ser ensinado pautado por uma visão apenas, mas tem que ser ensinado levando em consideração as várias perspectivas que existem para que o objetivo principal, a formação do educando, seja alcançado.

Considerações finais

Cultura é um conjunto de conhecimentos adquiridos em uma sociedade, é também a identidade de um povo. Portanto, nenhum indivíduo pode ser considerado sem cultura, pois todos passam por um processo de aprendizagem sobre os costumes e normas do meio social em que estão inseridos. A cultura pode ser trabalhada de modo disciplinar, considerando os conhecimentos construídos historicamente e as vivências dos alunos, em caráter interdisciplinar e transversal.

A escola em que fizemos a pesquisa não contava com uma diversidade cultural étnica, no entanto nela se fazia presente a diversidade cultural, econômica, religiosa, musical, entre outras. Percebemos a dificuldade dos professores de trabalharem a questão cultural nas salas de aula, tanto que poucas atividades tratando sobre o tema são realizadas na escola. Alguns professores tentam trabalhar essa questão, mas acabam encontrando resis-

tência por parte dos alunos e adentrando em um conflito cultural.

As escolas poderiam trabalhar a cultura buscando incentivar seus alunos a conhecerem a sua própria cultura e também a do outro, transmitindo a eles o sentimento de respeito às diferenças culturais. Dessa forma, até mesmo o ensino da ciência em sala ficaria mais prazeroso e estimulador, pois o aluno perceberia que o conhecimento por ele adquirido fora da escola também é valorizado e que ele é parte integrante daquele processo de aprendizagem.

Levar para a prática a teoria que aprendemos em sala foi uma experiência valorosa e importante, pois percebemos que a prática da docência é uma tarefa

árdua, que muitos professores, infelizmente, não conseguem executar. No contato que tivemos com os professores percebemos a frustração de alguns por não conseguirem executar as teorias aprendidas na faculdade e o quanto isso os desmotiva a continuar se dedicando na sua profissão. Mas também tivemos o privilégio de conhecer professores que mostram imensa dedicação com o ensino e aprendizagem de seus alunos, que fazem seu trabalho com amor e que, apesar das dificuldades da profissão não deixam de se doar para fazer o melhor pelos discentes. Realmente foi uma experiência que nos ajudou a enxergar a realidade da nossa profissão e nos fez refletir sobre o tipo de profissional que queremos ser. ■

Referências

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. *Revista Brasileira de Educação*, n.27, p.183-2013, set/ out/ nov./ dez. 2014.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SILVA, João Carlos da. Utopia Positivista e instrução pública no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, n.16, p.10-16, dez. 2004.

